ZEFINHA E LOURO

Uma história de amor, um exemplo de vida.

Capítulo I

O dia prometia ser belo e ensolarado. O orvalho que caíra na noite anterior respingava nas pernas da moça, ao roçarem nas gramíneas e arbustos que ladeavam a vereda estreita que levava à cacimba[1]. O cheiro das plantas úmidas, e da terra, ainda molhada, inebriava todo o percurso. Os pássaros saltitantes gorjeavam alegremente e as rãs coaxavam nos barreiros.

A jovem respirou profundamente... Sua alma apaixonada somada à sensibilidade aguçada fez com que parasse para admirar a paisagem. Ao estender da vista podia observar os mais diversos matizes da cor verde, tudo como se fora um imenso tapete - em baixo e em alto relevo -, harmonizando-se perfeitamente com o azul magnífico de um céu enfeitado com finas - e quase transparentes - nuvens brancas. Para completar, lindas serras desenhavam o horizonte: se mais distantes, eram de um azul um pouco mais

[1]Buraco que se cava até encontrar água. Bras. Poço de água potável.

profundo que o céu; se mais próximas, de um verde exuberante!

Os primeiros raios de sol já começavam a aparecer, iluminando pouco a pouco o belo cenário. “Como é bom sentir a presença de Deus em tudo isso!”, pensou a moça, que, embevecida, contemplava o deslumbre da natureza como se fosse pela primeira vez. É que estava muito feliz! Experimentava uma sensação nova e muito estranha: a de um grande sonho, como que prestes a se realizar...

Sentia também necessidade de agradecer a Deus. Por sua vida, por sua família, pelo amor, por tudo!

De fato, dotada de rara percepção, ela conseguia enxergar, em um ambiente como aquele, ao mesmo tempo tão belo e singelo, que o verdadeiro sentido da vida é o amor. Sim, sempre soubera! Era esse o sentido da vida: o amor a Deus e ao próximo. Mas, também tinha plena certeza de que só seria completamente feliz, caso conquistasse aquele que já era dono do seu coração... Somente se um dia ficasse ao lado do seu grande amor, aquele que um dia a faria a mais feliz das mulheres e a alçaria até as nuvens... Era esse o tipo de amor que constituía o seu maior sonho e agora embalava o seu dia.

Sentia-se em uma ilha paradisíaca, embora não estivesse cercada de água por todos os lados. Ainda não conhecia o mar, não tinha contemplado ainda a linha do horizonte, mas, imaginava que não fosse tão bonito quanto aquela paisagem que tanta amava. Percorreu com o olhar, ávida e velozmente, num giro de 360º, a cadeia de montanhas que aparentemente não deixava um espaço sequer entre elas, como se não houvesse uma só saída daquele lugar fantástico! Sua querida Carnaubeira, sua terra natal, um pequeno vilarejo localizado no Sertão pernambucano.

Desconfiava que Deus, caprichosamente, resolvera abençoar e proteger aquele lugar, de forma muito especial. Esculpira quatro lindas serras (Serra das Flores, Serra Arapuá, Serra Umã e Serra Grande) em todo seu entorno! Todas elas, agora recobertas – devido às chuvas recentes - por vegetações as mais diversas, e ocupadas por animais os mais variados, desde os mais dóceis aos mais arredios e ferozes! Animais que, nos idos de 1946, quando teve início este romance, ainda não eram objeto de maiores preocupações, ou seja, inexistia uma consciência da necessidade de sua preservação em face da caça predatória. Aquelas belas paisagens abrigavam lindos papagaios, periquitos e canários, assim como pebas, tatus, mocós, gambás, jacus, seriemas e até onças pintadas, dentre outros.

Continuando seu devaneio, ela assustou-se, quando sentiu algo muito gelado tocando sua perna. Sorriu ao retirar a minúscula rã, que num único salto, ali se alojara. Mais uma vez lembrou-se de que a grandeza de Deus se manifesta por intermédio das coisas mais simples. “A natureza é perfeita, assim como tudo que Deus fez e faz neste mundo!”, pensou.

Permaneceu sorrindo e começou a cantarolar baixinho uma canção, que combinava perfeitamente com sua beleza e juventude[2]. Dirigiu-se lentamente em direção à cacimba que se localizava no baixio[3], logo mais adiante. Depois, ainda faria mais uma vez aquele mesmo percurso, o que seria suficiente para encher os dois potes de barro que manteriam a água bem fria para o consumo da sua família, durante todo o dia.

[2] “Tu és, divina e graciosa, estátua majestosa! Do amor por Deus esculturada. És formada com o ardor da alma mais linda flor de mais ativo olor, que na vida és preferida pelo beija-flor”.

3 Áreas mais baixas de um terreno, onde a água aflora mais facilmente.

Chegando ao destino depositou o pote no chão e sobre ele o pano com que faria a rodilha[4]. Correu graciosamente pela área limpa e plana que circundava a cacimba e, sorridente, rodopiou em torno de si mesma.

O que fazia a moça tão feliz? Que sonhos povoavam aquele ser? Sua cabecinha estava nas nuvens, mas, seus gestos eram ágeis e automáticos. Fez uma rodilha com o pano, pôs sobre a cabeça, e após agachar-se, pegou a cuia[5] e começou a encher o pote de água. Em seguida ergueu-o, ao mesmo tempo em que se levantava, e o colocou sobre a rodilha sem nenhuma dificuldade.

Que quadro mais bonito seria caso um pintor resolvesse retratá-la ali mesmo! Os cabelos, longos e negros, reluziam sob os raios de sol, já que a rodilha com o pote cobria somente a parte de cima da cabeça, deixando à mostra os cachos caídos em cascata sobre os ombros. Simplesmente bela! Talvez por isso todas as deusas gregas tivessem os cabelos cacheados.

A caminho de casa, o peso do pote de água na cabeça não a impedia de caminhar com graça e faceirice. A cadência suave do rebolar que imprimia aos seus quadris denunciava uma sintonia perfeita com os seus passos, que mais pareciam conduzidos pelo ritmo suave de uma dança, que encanta e seduz.

O peso do pote com água não a impedia, tampouco, de continuar pensando em algo que acontecera no dia anterior, na festa de casamento da irmã do homem da sua vida! E pensar que ele também teria se casado naquele mesmo dia, não fosse a mão de Deus! Sim, porque os

[4] Um pano qualquer, torcido e enrolado em forma de círculo, para assentar a carga na cabeça e facilitar o seu transporte.
[5] Termo de origem tupi, dado ao fruto da cuieira. Assim como a cabaça, a cuia é um recipiente em que são colocados grãos, água etc.

casamentos dos dois irmãos estavam previstos para realizar-se na mesma data.

Se as coisas tivessem ocorrido conforme o planejado, certamente ela estaria agora se sentindo mortificada, afinal ele teria se casado com outra jovem, de quem estava noivo há quatro anos.

Ainda parecia um sonho... Custava a crer que já não havia noivado algum. Por mais incrível que pudesse parecer tudo tinha acabado apenas três dias antes da data marcada para o casamento!

A evidente felicidade que a moça estava a sentir despontara quatro dias atrás, com o rompimento daquele noivado que tanto sofrimento lhe causara.

Mesmo agora, em nenhum momento, seu olhar se deixava turvar ante a imagem de sua melhor amiga dançando com ele na noite anterior. Ela sentia que aquela sensação que ora experimentava, de completa harmonia com o universo, não era fugaz nem passageira. De forma que nada conseguiria ofuscá-la, pois, inteligentemente, preferia vê-lo livre, feliz, ainda que a dançar com outra, a sabê-lo noivo e prestes a se casar.

“Não tem a menor importância que não tenha dançado comigo uma única vez” – pensou confiante. “Das outras vezes em que dançávamos a noite toda, ele estava noivo. Ontem à noite, apesar de não haver dançado comigo, estava livre. Isso faz toda a diferença”.

A moça, que não tinha conseguido dormir após a festa, e por isso, logo cedinho, tinha começado sua labuta, estava convicta de que agora já não tinha motivos para ser infeliz, apesar de o seu amado ter passado a festa inteira dançando com sua melhor amiga. Recomeçaria todo o

sofrimento? Não acreditava nessa hipótese, especialmente depois que as coisas tinham tomado um rumo totalmente inesperado.

"Tudo está nas mãos de Deus", suspirou. Sabia dar tempo ao tempo, principalmente agora que tinha todo o tempo do mundo!

Ademais, predestinada ao sucesso como era, dificilmente deixaria passar o cavalo (as oportunidades), galopando por seu caminho (sua vida), sem que não lhe montasse e saísse galopando (em busca da felicidade).

Sua força de vontade era ferrenha, de sorte que no futuro se transformaria em uma guerreira, quando se tratasse de lutar por seus ideais. Por outro lado, tinha uma alma de santa, com toda ternura, generosidade e caridade de que só ela parecia capaz. Saberia como ninguém conciliar essas duas facetas da sua personalidade. Conseguiria vencer na vida sem precisar passar a rasteira em ninguém.

Sendo assim, é óbvio que não desistiria do seu amor! O importante era que fosse correta em suas atitudes.

Estava certa. Daí porque sua esperança nunca arrefecia, visto que quem tem coragem de tomar decisões, de lutar pelo que quer - de forma ética, é importante salientar -, tem mais probabilidade de ser feliz. Por conseguinte, as oportunidades não podem ser ignoradas, pois podem não voltar a surgir.

De fato, ante a efemeridade da vida, quem se acovarda, seja por timidez ou por medo de sofrer, não tem tantas chances de ser feliz. Pode passar pela vida sem conhecer o amor, sem viver momentos mágicos e inesquecíveis, ou sem desfrutar da glória e do reconhecimento. Aí só restará o desalento por sentimentos

não vividos, por emoções não experimentadas e sucessos não alcançados. E, o que é pior, o arrependimento por aquilo que deixou de fazer, os lamentos de uma alma inconformada, que não chegou à plenitude de tudo que a vida podia lhe proporcionar de bom. ”Poderia ao menos ter tentado”, fatalmente há de pensar um dia...

Com efeito, a quem busca, mesmo que seja em vão, restará o consolo de que fez o que podia ter feito, a consciência tranquila de quem tentou.

Sem cogitar das perspectivas de felicidade ou sofrimento futuro, a moça, de uma sensibilidade invejável, comportava-se como o faria em toda a trajetória da sua vida: enfrentava o presente com bravura, muita disposição e determinação. Era o bastante. Por enquanto, o caminho a seguir não a preocupava. Sua infelicidade chegara ao fim, este era o seu presente. Em razão disso era quase palpável seu sentimento de plenitude, de satisfação. Com relação ao futuro, não sabia ao certo o que iria acontecer, mas, tinha um pressentimento de que algo mudaria de forma drástica, como da água para o vinho, não obstante o que acontecera na véspera.

Como sua intuição estava certa!

Não era à toa que confiava sua vida e seu futuro a Deus. Exultava, pois, em viver o presente conforme a vontade do Pai, mas, sempre em busca de um mundo melhor para si e para os seus, de conformidade com o preceito religioso: “Esforça-te, e tem bom ânimo; não temas, nem te espantes; porque o Senhor teu Deus é contigo, por onde quer que andares." (Josué 1:6-9).

No fundo, ela sabia que as decisões tomadas no presente são determinantes em relação ao futuro, uma vez que as atitudes, a prática diária de ações, resultam,

inexoravelmente, em consequências positivas ou negativas. Desse modo, podem abrir portas – ou fechá-las -, podem modificar coisas e pessoas, e podem, acima de tudo, transformar o mundo para melhor ou para pior. Tinha plena certeza de que sua missão aqui na terra, a despeito dos caminhos sinuosos ou tortuosos que tivesse que percorrer sob os desígnios de Deus, tinha a faculdade de direcioná-la ao Pai, a depender dos seus propósitos. Era dessa forma que encontrava a resposta quando indagava a si mesma: “Por que estamos aqui? A que viemos?”

A moça, que já estava prestes a chegar a casa, pensou sabiamente: “É necessário que saibamos interpretar os sinais de Deus”. O fim daquele casamento era um bom sinal. Por isso mesmo, estava tão feliz!

A porta da cozinha era de madeira e dividia-se em duas partes, a superior e a inferior. A moça empurrou a parte de cima, agachou-se ligeiramente para destravar o ferrolho que ficava na parte interna da parte inferior e, ao se erguer, esqueceu que normalmente tinha que se agachar, para o pote não bater na parte superior do portal. Não deu outra! O pote quebrou e os seus cacos, assim como a água, espalharam-se por toda parte.

O barulho chamou a atenção das pessoas que estavam dentro da casa. Correram todos para a cozinha e ninguém conteve as risadas, pois Zefinha estava toda molhada e dando gostosas gargalhadas.

Assim era sua vida, leve e serena, sem maiores preocupações. Tudo transcorria razoavelmente de forma tranquila, não fosse o coraçãozinho inquieto, que a impulsionava para aquele amor platônico. Não entendia como podia amá-lo tanto!

Não fazia ideia de que o amor não se entende; apenas existe dentro da gente. E..., já não a maltratava. Todavia, você já sabe, particularmente no dia anterior, as expectativas da moça não tinham sido correspondidas. Que as expectativas podem ocasionar decepções, ela tinha sentido a experiência na pele, porém, não queria mais pensar sobre isso. Estava feliz. Tinha tudo o que queria (ou quase tudo!)...

Capítulo II

É verdade, Deus havia sido muito generoso consigo. Linda, por dentro e por fora, tinha um corpo bem feito e pernas bem torneadas. Sua pele, morena clara, combinava perfeitamente com seus cabelos escuros e levemente encaracolados. Estes, por sua vez, emolduravam um belo rosto, enfeitado com olhos muito expressivos e da mesma cor dos cabelos. Chamavam atenção também seus lindos e delicados pés!

Se não bastasse isso tudo, Zefinha nascera no seio de uma família de tradição e bem estruturada. Assim como seus irmãos Manoel Simão, Licô, Maria do Carmo, Neném, Marina e Afonso, ela era fruto do grande amor entre Simão e Teodora. Esta era sobrinha legítima de Cândido Marcolino Pereira, o Pai Mingu, sobre o qual se falará mais adiante. Muito habilidosa e prendada, fazia peças artesanais, tais

como alforjes[6] - também conhecidos por bornais -, capachos e colchas de retalho. Além disso, ajudava o esposo no comércio, a Bodega. Sempre meiga e muito sorridente, Teodora era um exemplo de paciência, amor e dedicação aos filhos e ao esposo.

Já o seu pai, era um típico descendente de portugueses. Tudo começou quando Izabel Gonçalves e João Gonçalves dos Santos vieram de Portugal e se estabeleceram na região. Dentre outros filhos, o casal teve Manoela Gonçalves dos Santos e Catarina Gonçalves dos Santos, que se casaram e também geraram filhos. Maria Manoela Gonçalves da Encarnação, filha da primeira, casou-se com o primo legítimo, Bartolomeu Gonçalves dos Santos, filho da segunda. Referido casal também teve filhos, dentre eles, Simão Bastos Gonçalves. Dessa forma, além de ser um Gonçalves da gema, como se costuma dizer, Simão era Gonçalves pela parte do pai e também pela parte da mãe, haja vista que seus pais eram primos legítimos. Aliás, fenômeno muito comum naquela época e que até hoje acontece, embora em menor proporção. Outra curiosidade é que o nome do avô de Zefinha, Bartolomeu, deu origem à família Bastos.

Simão era agropecuarista, cultivava lavouras de subsistência e criava bovinos, caprinos e ovinos. Desenvolvia ainda atividades comerciais e faria suas incursões políticas, culminando com o exercício de dois mandatos de subprefeito. Seria eleito pelo PSD, tendo sido, inclusive, o primeiro subprefeito de Carnaubeira[7], que se tornaria distrito de

[6] Tipo de bolsa, usualmente preso a uma sela, usado para transportar objetos em animais como o cavalo. Atualmente, são também utilizados em bicicletas ou motocicletas, presos ao assento, com o mesmo objetivo.

[7] Nome dado devido à grande quantidade de Carnaúbas existentes na região.

Floresta/PE, segundo a lei municipal nº 02, do ano de 1948. Seu segundo mandato seria de 1955 a 1959.

Por ironia do destino, muitos anos depois, o primeiro prefeito de Carnaubeira da Penha seria seu neto, Simão Lopes Gonçalves, cujo nome seria dado em sua homenagem, pelos pais do garoto, personagens principais deste romance. A denominação de Carnaubeira da Penha seria dada, quando fosse elevada à categoria de município, pela lei estadual nº 10.626, de 01 de outubro de 1991.

Simão Bastos cultivava grandes amizades, sendo que a mais marcante delas foi a de Pe. Evaldo Bette. Passavam longas horas conversando, versejando sobre assuntos os mais diversos e mais especificamente sobre a Bíblia Sagrada, da qual Simão era um assíduo leitor. Pe. Evaldo o chamava, carinhosamente, de Senador. Talvez por seu porte altivo, com estatura alta (1,90m) e pele muito branca, ou quem sabe, por sua desenvoltura em discorrer sobre os mais variados assuntos.

Na realidade, Simão Bastos era considerado o chefe da família Gonçalves e bastava um olhar seu para que fosse prontamente obedecido. Tanto que em certa ocasião chegou-lhe a notícia de que o bando de Lampião iria invadir Carnaubeira e a família Gonçalves seria atacada, vez que estaria ameaçando o bando e este, como represália à ameaça, agiria antes.

Simão, bravamente, saiu em busca do bando para esclarecimento do boato. Desacompanhado, chegou ao lugarejo de Santa Maria, após certificar-se de que Lampião lá estava com seu pessoal.

Corajosamente, dirigiu-se ao bar indicado e não foi surpresa quando se deparou com diversos homens fortemente armados, com trajes típicos do cangaço, bebendo

e falando alto. Ao adentrar no recinto, atraindo perigosamente os olhares daqueles que poderiam ser seus algozes, Simão dirigiu-se a Lampião, identificou-se e procurou esclarecer a razão do recado recebido pela família Gonçalves.

O rei do cangaço o ouviu atentamente. Ao se manifestar, demonstrou toda sua admiração e respeito pela coragem e diplomacia de Simão, que impressionava por sua figura e postura, impondo respeito inclusive aos mais afoitos do bando, que o observavam discreta e respeitosamente. À indagação de Simão, Lampião retorquiu que não havia razão de ser, que agora se dava conta de que tudo não passava de intrigas e boatos sem fundamento, acrescentando por fim, que aquela visita havia contribuído para o esclarecimento de toda a situação.

Dessa forma, ao se assegurar de que poderia se tranquilizar no sentido de que o bando não investiria contra a família Gonçalves, Simão Bastos, aliviado, retornou ao seio da sua família, com a sensação do dever cumprido.

Era por ter um pai tão corajoso e influente, e ao mesmo tempo tão honesto e religioso, que Zefinha tanto o admirava. Tinha orgulho do seu pai e o respeitava. Sua família era muito abençoada, pensava sempre.

Capítulo III

O rapaz, montado em seu cavalo manga-larga, seguia vagarosamente pela estrada de terra branca, e ainda compactada, em virtude da chuva que ocorrera na véspera.

Pretendia passar na casa do seu tio Simão, antes que anoitecesse, mas, não tinha pressa.

Apesar de estar compenetrado e com o pensamento sombrio, transpirava uma autoconfiança comumente observada em pessoas vencedoras; por outro lado, demonstrava no olhar uma ternura e simplicidade cativantes.

Tinha traços marcantes, frutos da miscigenação de índio e branco, vez que descendia da bela índia Bárbara Virgem com um dos três irmãos portugueses que vieram para a região. Muito belo, com nariz afilado e boca perfeita, tinha seu ponto forte nos olhos esverdeados e pequenos, que se destacavam em face da tez bronzeada. De estatura mediana, cabelos lisos e escuros, era o tipo que deixava as moças casadoiras enlouquecidas. Ainda adolescente tornara-se o melhor partido do lugar, despertando arrebatadoras paixões, não apenas por seu porte físico, mas, também por ser tão bem sucedido profissionalmente.

Com tanto sucesso poderia considerar-se um homem feliz, não fosse a doença do seu genitor, que a todos afligia. Negava-se a admitir a possibilidade de perdê-lo. Era ainda tão moço!

Na incansável busca de saúde para o seu pai chegou a acompanhá-lo até Santo Antônio de Pambu, na Bahia[8]". Viagem longa, a cavalo, por vários dias consecutivos. Sem esquecer as viagens a outras cidades, como Serra Talhada, por exemplo, a pouco menos de 90 Km de distância.

Sabia que tudo dura muito pouco nesta vida, e em face da consciência da morte (algo inerente ao ser humano, e tão somente a este), jamais tivera medo de morrer.

[8] Hoje, Curaçá/BA. No lugar denominado Pambu foi formado um povoado, com a construção de uma capela, após o aparecimento da imagem de Santo Antônio.

Considerava que a certeza da morte, ao invés de nos incutir medo, deve fazer com que possamos ser melhores a cada dia e com que nos sintamos motivados a melhorar o mundo em que vivemos. Afinal, embora este não nos pertença - já que pertence apenas a Deus, assim como nós também pertencemos - devemos tentar transformá-lo, torná-lo muito melhor! Dessa forma, estaremos contribuindo para que mude também para melhor a vida de todos. De todos, principalmente dos menos favorecidos, e não apenas dos mais abastados. Porquanto estamos aqui para cumprir nossa missão e apenas administrando os bens que Deus nos confiou.

De fato, inobstante não tivesse medo da morte, ele não se sentia preparado para suportar a saudade do amado pai, caso este viesse a falecer. Sempre que tais pensamentos o angustiavam voltava-se para o momento presente. Todas as conquistas vinham à tona e passava a agradecer a Deus por tantas bênçãos, pelas muitas vitórias alcançadas em sua vida e na de cada uma das pessoas a quem amava. Sabia que todas as tempestades são fortes, mas, que também são passageiras. Da mesma forma são as provações, os problemas, mesmo quando considerados insolúveis, como é o caso da morte. O sentimento não morre, a saudade é eterna, porém, Deus dá conforto e força para quem precisa continuar o caminho sem o ente querido.

Recordou-se da máxima “um dia tudo passa”... E depois, não dizem que Deus dá o frio conforme o cobertor? É por isso que o ser humano tem essa facilidade de adaptação e consegue superar todas as dificuldades da vida!

Começou, então, a lembrar-se de que devemos lutar por aquilo em que acreditamos, pois o Senhor falou que “a fé move montanhas”. Contudo, lembrou-se também que Ele disse: “Até os fios de cabelo da tua cabeça estão contados”. Compreendeu, pois, que para que se caminhe melhor nesta

vida, basta que se viva de acordo com a vontade do Pai, que cuida meticulosamente de cada um, dotando todos os filhos de sentimentos como o amor, a confiança, a fé e a esperança.

Sempre tivera consciência de que em função daquela enfermidade, seus pais precisavam dele mais do que nunca. Assim, e também por amá-los tanto e por haver uma reciprocidade tão grande com relação a esse sentimento, dedicara-se a eles e aos irmãos, incondicionalmente. Daí, até se tornar arrimo de família tinha sido um passo. Lutava com todas suas forças para que seu pai tivesse a saúde restabelecida, bem como para manter e dar conforto e segurança a todos.

Tal dedicação e comprometimento, dentre muitas outras coisas simples e belas que fazia, eram provenientes da sabedoria divina, que concedeu a pessoas como ele - humildes de coração - a capacidade de ver, sentir e entender a simplicidade da vida, para se portar com igual simplicidade. Indubitavelmente, é esta que permite ao homem enxergar a grandiosidade de Deus. Senão, por que os mais humildes, como os pastores e as crianças, foram quase sempre os escolhidos para as aparições de Nossa Senhora?

O amor acima de tudo, afinal é a força propulsora que deve mover o mundo. Amor a Deus, amor ao próximo: foram estes os ensinamentos de Cristo. Sentimento que deve se manifestar diariamente, já que as atitudes de hoje são as conquistas do amanhã. “Aquele que teme a Deus praticará o bem. Aquele que exerce a justiça possuirá a sabedoria”.

Ele sabia que Deus conhece bem o íntimo de todos os homens e, portanto, deveria sempre cultivar bons sentimentos. Entendia que certos deuses eleitos pela sociedade, tais como o dinheiro e os bens, jamais devem ser colocados em primeiro plano. Assim é que, a exemplo do rei